

## FONOLOGIA – UMA ENTREVISTA COM LEDA BISOL

Leda Bisol

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

**ReVEL – Quais foram os trabalhos fundadores da Fonologia? Pode-se dizer que a disciplina tem suas bases em Saussure e/ou nos estudos do Círculo Lingüístico de Praga?**

**Leda Bisol** – Os principais trabalhos que dão início à história da Fonologia são os seguintes:

**Princípios de Fonologia** da autoria de **N. S. Trubetzkoy**. De uma família de príncipes, Trubetzkoy nasceu na Rússia, em 1890. É curioso saber que, como dizem seus biógrafos, aos 15 anos, publicou seus dois primeiros artigos e aos 17 anos dedicava-se ao estudo de línguas siberianas e caucásias. Forçado a deixar a Rússia em tempos da revolução, lecionou, a convite, em diferentes universidades da Europa, incluindo Viena e Praga, quando foi convidado para fundar com Jakobson e Mathesius o Círculo Lingüístico de Praga. Sua obra póstuma e inacabada, escrita durante toda a sua vida através de anotações, teve uma edição alemã em 1939 e outra francesa em 1949, **Principles de Phonologie**, com reedições. Nela elabora a idéia de fonema de Baudouin de Courtenay (1845-1890) de que sons lingüísticos são distintivos, dando ênfase ao caráter funcional da oposição de dois sons de uma mesma língua para diferenciar significados. Insiste na distinção entre o som como pronúncia e o som como representação, isto é, como portador de uma intenção do falante. De um lado a Fonética, de outro a Fonologia, embora uma e outra estejam relacionadas. Expõe, inspirado na idéia de sistema de Saussure, um método de classificação de oposições bilatéricas ou multilaterais, proporcionais ou isoladas,

privadas, graduais e equípolentes. Discute os sons em termos de suas funções: culminativa, delimitativa e distintiva. Mas o fonema é o ponto central de sua obra. Elaborou em detalhes a idéia de fonema como conjunto de traços com valor contrastivo, assim como a idéia de arquifonema como resultado da neutralização de dois fonemas e estabeleceu princípios para a análise fonológica, trazendo para a exemplificação diferentes línguas. Vale observar que muitas idéias que sustentaram a fonologia estruturalista ou que hoje fazem parte de teorias modernas, como neutralização e subespecificação, foram discutidas pela primeira vez em **Princípios**. Eis aí o começo da Fonologia.

Mattoso Câmara Júnior, o nosso primeiro fonólogo, foi um dos seguidores de Trubetzky, embora também sofresse influência da escola americana. Mas é digno de nota que sua definição de vogal nasal do português em termos de VN, isto é, uma vogal oral seguida de consoante nasal subespecificada que a cobre de nasalidade, é assegurada, na época de sua divulgação, somente pela lingüística da Escola de Praga. Da mesma forma, tem esse apoio a sua descrição da redução vocálica no sistema das átonas.

**Linguagem** da autoria de **L. Bloomfield**, que nasceu em Chicago em 1887, é outra obra de relevo na constituição da Fonologia. Depois de uma primeira edição em 1914 que passou despercebida, **Language** reaparece em 1933, ficando como uma referência importante da lingüística americana.

Motivado pelo pensamento lingüístico de Franz Boas, um antropólogo, Bloomfield inicia a descrição de línguas indígenas e, conseqüentemente, a Fonologia na América. Na obra citada, os capítulos V, VI, VII e VIII versam sobre Fonema, Tipos de fonemas, Modificações e Estrutura Fonética. Afastando-se de qualquer idéia mentalista de fonema, mas fiel ao conceito de Baudouin de Courtenay, seu principal intento é diferenciar fonologia de fonética, em termos de estudo dos sons que portam significado e estudo da manifestação pura do som. Lança a sua proposta de análise com base na comutação e na distribuição dos elementos da cadeia de fala. Por comutação, levantam-se as unidades distintivas, por distribuição complementar e livre dos sons, organizam-se os fonemas com seus respectivos alofones.

Embora a idéia de fonema como um feixe de traços distintivos e a noção de distribuição complementar e livre estivessem presentes em Trubetzkoy e Bloomfield, esse, que não admite o conceito de neutralização, trabalha exaustivamente a distribuição posicional dos segmentos. As idéias de Bloomfield que nortearam a lingüística americana estruturalista inspiraram um tratado de muito uso, sobretudo, na descrição de línguas indígenas, **Phonemics** de Pike (1947), um excelente método de levantamento de fonemas com base em traços articulatorios, que compreende três premissas básicas: a) Sons tendem a ser modificados pelo ambiente; b) Sons tendem a uma simetria fonética e c) Sons tendem a flutuar.

Costuma-se diferenciar a fonologia americana, Bloomfield, Sapir e seus seguidores, conduzidos por uma linha antropológica de estudos, da fonologia européia, Trubetzkoy e Jakobson, conduzidos por uma linha filológica, através dos termos Fonêmica e Fonologia. Por Fonêmica entende-se uma descrição minuciosa das unidades discretas, levantadas por comutação e analisadas por sua distribuição livre ou complementar. Por Fonologia entende-se o estudo do conjunto de funções dos sons das línguas humanas com mais espaço para a abstração na distinção do fonema e distribuição de suas variantes. Uma é mais extensa do que a outra mas os princípios básicos do estruturalismo lingüístico, nome com que se identifica a primeira fase da lingüística sincrônica, estão presentes em ambas.

A primeira publicação de **Edward Sapir, Language, an introduction to the study of speech**, foi traduzida por Mattoso Câmara Jr., o qual também organizou **Linguística como Ciência**, uma seleção de artigos deste autor.

Sapir (1884-1939), de origem alemã, viveu nos Estados Unidos desde os cinco anos. Ao lado de Bloomfield, iniciou a Fonologia americana, referida como Fonêmica, que se voltou inicialmente para estudos de línguas indígenas. Sapir deixou importantes descrições que até hoje são referências em abordagens modernas. Adepto da mesma concepção antropológica de Bloomfield, tem uma visão mais ampla da lingüística, vendo-a não só ligada à cultura do povo mas

também sob a perspectiva filosófica e psicológica, o lado que o aproxima da fonologia do Ciclo de Praga.

Em um de seus artigos, “Os padrões Sônicos da Linguagem,” incluído em **Lingüística como Ciência**, mostra que os sons que constituem um sistema e os processos que sofrem, como, por exemplo, o *umlaut* ou a palatalização de uma consoante diante de /i/, não podem ser entendidos em termos puramente mecânicos, pois existe uma diferença entre som isolado e som lingüístico. Exemplifica com o ato de assoprar uma vela, um ato diretamente funcional, e o som de *wh* do Inglês, um *w* surdo (com aspiração ou sem aspiração), em palavras como *when*, na pronúncia americana. Esse último é um elo na construção de um símbolo que não é meramente um som mas é, sobretudo, o indício de uma função simbólica que não se realiza por si só. Na época havia grande preocupação em distinguir o som lingüístico do não-lingüístico, assim como fonética de fonologia, pois até então os estudos de línguas eram feitos tão somente na base da fonética.

No livro supracitado, Sapir fala em padrões fonéticos, com exemplos de várias línguas, para referir-se a um sistema de fonemas com suas variantes livres e condicionadas, levantados na base da comutação e de associações múltiplas. Sapir e Bloomfield são os iniciadores não só da fonologia mas da lingüística americana.

**Ensaio de Lingüística Geral** de **R. Jakobson**, é, entre nós, a mais conhecida de sua imensa obra. Sua divulgação se deve à tradução francesa de Nicolas Ruvet, **Essais de Linguistique Générale**. Jakobson nasceu em Moscou em 1896. Depois de muitas atividades de relevo em seu País, na área da lingüística, onde fundou o “Cercle of Linguistique de Moscou”, a revolução e duas guerras levaram-no a peregrinar por diferentes países escandinavos, entre os quais Copenhague, onde funda o já referido “Cercle of Linguistique de Praga” com Trubetzkoy e Mathesius com a intenção firme de mostrar a importância do estudo de sistemas de signos, na linha de Saussure. Mais tarde fixa-se nos Estados Unidos, Nova York, sua última morada. Amigo de Mattoso Câmara,

visitou o Brasil no final da década de sessenta, brindando o Rio de Janeiro com conferências, uma das quais no Museu Nacional.

A grande contribuição de Jakobson está no estudo do traço distintivo para definir o que se entende por qualidades distintivas estritamente relacionais. Um exemplo que se pode citar para esclarecimento é o da classe universal das oclusivas (p, t, k), que opõe pares pelo vozeamento, distinguindo dessa forma, por exemplo, /p/ de /b./ Todavia outras oposições estão implícitas nesta classe, pois há línguas que, ao invés de valerem-se da dimensão de vozeamento, valem-se, para a organização de seu sistema, da dimensão acústica, compacto versus difuso, ficando, por exemplo, apenas com as não compactas /p,t/. Tais sistemas distinguem /p/ de /t/, por grave versus agudo. Outras línguas que têm oclusivas e fricativas somente surdas podem, por sua vez, opor labial /p,f/ a todo o resto. Neste caso, a dimensão acústica “estridente” separa /f/ de /p/, quando todas as contínuas forem estridentes, como ocorre em muitas línguas. O ponto importante a ser assinalado é que um traço não se define somente por sua posição relativa a uma dada propriedade (traço), mas a muitas outras.

A Jakobson se deve também a introdução do traço redundante. Traço redundante não significa supérfluo, pois o redundante é indispensável na comunicação. A noção de redundância funcional tem por objetivo separar o papel dos traços distintivos do papel dos traços redundantes. Os primeiros são expressivamente ativos no sistema, isto é, na estrutura subjacente, enquanto os segundos são ativos na fala, isto é, na estrutura de superfície, pois reforçam os traços pertinentes, ao tornarem os segmentos mais robustos.

Vale notar que Jakobson, ao explorar amplamente o estudo de traços fonológicos, abriu o caminho para o modelo gerativo que, com **Chomsky and Halle** (1968), em **The Sound Pattern of English**, abandona o conceito de fonema para pôr em foco uma teoria exclusiva de traços distintivos e redundantes, os quais oferecem os elementos para a elaboração de regras que, a partir de estruturas subjacentes, geram estruturas de superfície. As portas se abrem para novas investidas.

Toda a história da fonologia é tecida de caminhos que se sucedem ininterruptamente: A fonologia dos primeiros tempos com duas vertentes, a da Europa e a dos Estados Unidos, abre o caminho para o gerativismo de Chomsky and Halle que avança paulatinamente para as Teorias não Lineares, Fonologia Métrica, Fonologia Autossegmental, Fonologia Lexical e vem, atualmente, tomando a feição da Teoria da Otimidade. Em uma e outra fase, muitas vezes se fizeram ouvir e novas conquistas emergiram, isso foge, porém, da questão em pauta que se restringe aos fundadores da Fonologia

Mas o tema, origem da Fonologia, aqui não se esgota, pois a fonte mais antiga da Fonologia está em tempos muito longínquos, precedentes aos da voz dos herdeiros de Saussure. Está no século IV A. C., na **Gramática do Sânscrito**, escrita por Panini com base na linguagem coloquial de seu tempo. Regras de junção interna e externa foram pela primeira vez descritas nesta gramática, sob o nome de sândi, nome que passou a ser incorporado à Teoria Fonológica. Regras que dizem respeito ao apagamento ou acréscimo de segmentos são descritas de forma muito complexa para sua época, merecendo por essa razão edições explicativas. É o documento mais antigo de que se tem conhecimento de organização de uma gramática, entendida como sintaxe, morfologia verbal e nominal e descrição de sons. Certas regras e princípios da teoria fonológica aí têm espaço e forma.

**ReVEL – Como você vê o avanço da teoria fonológica de base gerativa nos últimos anos? Ela caminha no sentido de contribuir efetivamente para o caráter explicativo da linguagem ou ainda está muito circunscrita à descrição?**

**Leda Bisol** – Em boas análises, descrição e explicação andam juntas. No entanto é digno de nota que a gramática gerativa teve e tem por meta a explicação, uma vez que a língua passa a ser entendida como uma faculdade do ser humano. A partir de um modelo que se fundamenta no racionalismo cartesiano, inicia-se um procedimento de análise sincrônica muito interessante que, em seus primeiros tempos, todavia, foi motivo de muita discussão, pois não

raro o analista se satisfazia com frases criadas e testadas apenas na intuição do falante, sem olhar para o dado real. A conseqüência é uma análise que não alcança explicar aparentes fatos de exceção senão com o alto custo de abstrações subjacentes absurdas. Felizmente, na década de setenta, lingüistas começam a discutir quão profunda pode ser uma estrutura profunda com conseqüências positivas, especialmente para a fonologia, pois em (1973), Kiparsky, como gerativista, estipula a Condição de Alternância, segundo a qual o nível máximo de abstração de uma estrutura profunda é o nível fonêmico. E então prossegue a fonologia a trilha gerativista em busca da descrições explicativas, com base em **Chomsky and Halle (1968)**, mas via observação de dados, dando margens ao surgimento de diferentes modelos não-lineares, todos compatíveis: Geometria de Traços, Fonologia Métrica, Fonologia Prosódica, Fonologia Lexical. É evidente que, com recursos de análise cada vez mais ricos, o nível explicativo torna-se cada vez mais acessível, mas a descrição e a explicação, assim como a observação do dado real, na fonologia, andam sempre de mãos dadas.

**ReVEL – A Teoria da Otimidade (ou Otimalidade) parece ter conquistado lugar permanente na pesquisa em Fonologia. Como você avalia o modelo?**

**Leda Bisol** – Embora a Teoria da Otimidade tenha começado na Fonologia com Prince and Smolensky 1993 e McCarthy and Prince 1993, o modelo proposto é um instrumento de análise para qualquer área da gramática. Na Fonologia vem conquistando um grande número de adeptos. É uma teoria de base gerativa, extremamente cativadora, que deixa de lado regras e derivação para privilegiar princípios que se denominam “constraints”, em português “restrições”. Princípios universais sem os quais nenhuma gramática das línguas dos homens se constrói não estão em jogo, mas tão somente princípios universais violáveis, cuja satisfação ou não permite fazer distinção entre línguas. São esses classificados em três tipos, restrições (constraints) de Fidelidade, de Marcação e de Alinhamento, disponíveis para a construção de gramáticas particulares. As restrições de fidelidade estabelecem a relação *input-output*, as

de marcação cobram a boa-formação do *output* sem olhar para o *input* e as de alinhamento olham para relações entre categorias, como, por exemplo, entre uma categoria morfológica e uma categoria prosódica. O ponto central está na gramática, que se define pela hierarquização de um conjunto de restrições, em que toda restrição no alto da hierarquia tem um poder muito grande sobre as restrições mais baixas. Isso se chama ordenamento harmônico, definido em termos do teorema de Panini (gramática do Sânscrito), segundo o qual a restrição mais específica deve dominar a mais geral, a fim de que seus efeitos fiquem visíveis. Note-se que esse teorema serviu de base a Kiparsky (1973) para estabelecer, no modelo gerativo anterior à Otimidade, o princípio conhecido como Elsewhere Condition, segundo o qual a regra mais restrita tem prioridade de aplicação sobre a mais geral. Cito esse princípio como um exemplo de que a Teoria Fonológica foi se construindo através dos tempos, sedimentando no passado suas conquistas mais atuais.

A Teoria da Otimidade, que vem produzindo inúmeros artigos e teses, enfrenta também muitos desafios, o primeiro dos quais está relacionado à suposição de *inputs* universais, uma vez que a variação entre línguas é definida por diferentes conjuntos de restrições hierarquizadas, portanto pela gramática e não pelo léxico, embora esse seja sempre respeitado. Com a Otimização Lexical, que, como corolário, veio determinar que, diante de *inputs* diferentes para o mesmo *output*, deve ser escolhido aquele que incorrer em menos violações, a questão parece resolvida, embora ainda venha sendo motivo de discussão. Há ainda o problema da variação ou mudança lingüística que é um desafio para uma gramática que escolhe, entre vários candidatos, apenas o candidato ótimo. Por outro lado há duas questões ainda à espera de maiores esclarecimentos: a função de GEN cuja propriedade de criar candidatos lingüísticos a partir de um *input* não está de todo esclarecida e, finalmente, o campo aparentemente muito extenso das restrições ou princípios violáveis à espera de uma condição controladora.

Mas é inegável que a Teoria da Otimidade mais centralizada no *output* do que no *input* vem contribuindo de forma expressiva para explicação do fato lingüístico, sobretudo por fundamentar-se na idéia de que todas as gramáticas

particulares são manifestações da gramática universal, distinguindo-se uma da outra pela hierarquização dos princípios violáveis.

**ReVEL – A Fonologia é reconhecida por alguns como uma das áreas da Lingüística menos atendidas nas universidades brasileiras, o que acaba resultando na formação de poucos fonólogos. Essa situação é típica de nossa realidade ou ocorre em outros países? A que você atribui o fato?**

**Leda Bisol** – De modo geral, o número de estudantes que buscam a “hard linguistic” tem diminuído tanto na Europa como nos Estados Unidos, por questões ligadas ao mercado de trabalho. Um exemplo é o professor Ben Hermans, um fonólogo de renome que viu sua Universidade, na Holanda, fechar-lhe as portas porque a Fonologia saia do programa. Bem Hermans hoje está ligado a um centro de pesquisa, altamente credenciado, mas não leciona.

No Brasil, o panorama é diferente. Fonólogos estão sendo solicitados por diferentes universidades do País, pois apenas São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul privilegiam a Teoria Fonológica, situando-a junto às áreas principais do programa.

Mas, em meu entender, a razão principal desse vazío está no curso de graduação que, com raras exceções, vem descurando da fonologia, deixando-lhe um espaço mínimo no programa ou ignorando-a de todo, assim como a fonética, um rico instrumento de aprendizagem dos sons da fala que, junto á fonologia, ajuda a entender falhas no processo de aprendizagem da escrita, com reflexos nas escrita dos primeiros anos escolares, assim como problemas na aquisição da fala. Os alunos de modo geral não saem preparados para estudos fonológicos, em outros termos, não são motivados para a escolha desse caminho em seus cursos de especialização.

Voltando ao mercado de trabalho, saliento que, apesar de não termos a tradição da pesquisa, como Europa e Estados Unidos, o mercado ainda está aberto para fonólogos no País, desde que os candidatos se prontifiquem a sair de seu torrão natal.

**ReVEL – Como uma autoridade na área da Fonologia, a senhora poderia sugerir alguns livros para que estudantes de Letras e Lingüística pudessem se iniciar ou mesmo se aprofundar nos estudos de Fonologia?**

**Leda Bisol** – Para aprofundar-se em Fonologia Gerativa não linear:

*Phonology in Generative Grammar*, de Michael Kenstowicz. Blackwell, Cambridge MA & Oxford UK, 1994.

Para conhecer estudos básicos da Teoria da Otimidade:

*Optimality Theory in Phonology*. Edited by John McCarthy. Blackwell Publishing . 2004.

Para iniciar estudos de Fonologia do Português:

Toda a obra de Mattoso Câmara Jr., principalmente: *Estrutura da Língua Portuguesa*, Petrópolis, Vozes, 1970 ou outras edições.

E, finalmente, para iniciantes, embora haja outros livros referenciáveis, limite-me ao que considero leitura indispensável:

*Fonética e Fonologia*. Dinah Callou e Yonne Leite, 1990, Rio de Janeiro Edit. Zahar.